



RELATOS DE UMA PROFESSORA INDÍGENA KAMBEBA

REPORTS FROM AN INDIGENOUS KAMBEBA TEACHER

Brunilde dos Santos Silva¹

Jeiviane Justiniano²

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Meu nome é Brunilde dos Santos Silva, e neste memorial, começo por apresentar meu lugar de fala, abordando minha identidade como mãe de família, mulher indígena da etnia Kambeba e professora. Busco destacar essas perspectivas para evidenciar as complexas relações socioculturais vivenciadas por uma mulher Kambeba que enfrenta desafios, muitas vezes, minimizados ou silenciados devido ao seu gênero. Este relato traça minha trajetória como educadora, destacando que o aprendizado não se limita aos acertos, mas, principalmente, aos erros, carregando consigo a humildade necessária nos processos de aprendizagem.

Minha história começa na aldeia Betel, situada no município de Tefé, no estado do Amazonas, às margens do Médio Solimões. Sou uma indígena orgulhosa, pertencente à etnia Kambeba, assim como meus pais, Malaquias dos Santos Silva e Marineide Dantas dos Santos. Durante minha infância e adolescência, tive o privilégio de crescer imersa na rica cultura e nos costumes do povo Kambeba. Durante esse período, nossa subsistência dependia diretamente da agricultura e da pesca, que eram nossas principais fontes de renda.

¹Professora da Escola Indígena Kambeba Kanata T-ykua. Alunoa do Curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas em parceria com a Secretaria Municipal de Manaus. E-mail: brunilde.silva@semed.manaus.am.gov.br

² Professora Doutora da Universidade do Estado do Amazonas, formadora do projeto Oficinas de Formação em Serviço da Secretaria Municipal de Manaus e da Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, orientadora deste trabalho. E-mail: jjustiniano@uea.edu.br



Hoje, aos meus 34 anos de vida, posso refletir sobre os momentos significativos que moldaram a pessoa que sou hoje. Além disso, sou abençoada por ser mãe de três filhos amorosos: Cristiano Silva Cruz, Bianca Brunessa Silva Cruz e Cristian Rodrigo Silva Cruz. Cada um desses aspectos da minha vida contribuiu para a minha jornada e moldou minha identidade como mulher Kambeba.

Aos 19 anos, tomei uma decisão significativa em minha vida ao me casar e mudar para outra aldeia chamada Jaquiri, localizada no município de Uarini/AM. Essa transição trouxe comigo desafios e oportunidades de crescimento pessoal. A adaptação a um novo ambiente e a outro estilo de vida foi desafiadora, mas também me permitiu expandir meus horizontes e conhecer outras perspectivas culturais. Foi uma experiência única conhecer outra aldeia Kambeba, onde a organização social estava profundamente enraizada nas tradições do nosso povo.

Após anos vivendo no Médio Solimões, tomamos a decisão de nos deslocarmos novamente, desta vez para outra aldeia Kambeba, chamada Três Unidos, localizada no município de Manaus, na região do baixo Rio Negro. Lembro-me claramente dessa data, 28 de novembro de 2014, que marcou o início da minha residência atual. Desde então, tenho convivido de perto com a comunidade Kambeba, mergulhando ainda mais nos costumes, nas tradições e na sabedoria ancestral do meu povo. Essa experiência tem sido profundamente enriquecedora e fortaleceu ainda mais minha conexão com as minhas raízes culturais, consolidando meu vínculo com a comunidade e suas tradições.

A SALA DE AULA COMO TERRITÓRIO DOCENTE

Minha entrada na docência marcou uma etapa importante da minha jornada. Após residir por mais de seis anos na comunidade Três Unidos, surgiu uma oportunidade empolgante: a comunidade estava em busca de pessoas interessadas em se tornar professor e eu me candidatei. Em uma reunião comunitária, fui



selecionada entre os escolhidos para essa função tão significativa. Assim, em 2021, iniciei minha jornada como professora, transformando um sonho em realidade.

O início do meu trabalho como educadora foi marcado por uma mistura de entusiasmo e ansiedade. Desejava compartilhar os conhecimentos adquiridos com meus ancestrais e meus pais, como danças, tecelagem e histórias, além de adaptar meu ensino ao modo e tempo da nossa cultura. Por exemplo, utilizei sementes de feijão, coco e tucumã para ensinar números, transmitindo esses saberes para as futuras gerações. Esse momento foi singular, uma oportunidade única de contribuir para o desenvolvimento educacional da minha comunidade e meu crescimento profissional.

Figura 1 - Escola Kanata T-ykua – Turma Multisseriada 1º ao 3º Ano - Professora Brunilde Silva



Fonte: Brunilde Silva (2023)

No entanto, ser professora não se resumia apenas a transmitir conhecimento. Tive que lidar com o currículo escolar fornecido pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED), que definia as diretrizes e conteúdos a serem ensinados. Isso significava



que eu, como professora, tinha a responsabilidade de garantir um ensino que incorporasse os conhecimentos da nossa cultura, ao mesmo tempo, que atendesse às expectativas sociais, incluindo as avaliações ao final do ano letivo, com o objetivo de que as crianças estivessem aptas a ler e escrever.

Para atingir esse objetivo, desenvolvi planos de aula para cada série, preenchendo o diário de classe com registros dos avanços e dificuldades de cada aluno. Meu primeiro grande desafio surgiu ao deparar-me com uma turma multisseriada de alunos do 1º ao 3º ano, a maioria deles ainda não alfabetizada. Isso me fez perceber que ser professor envolvia não apenas dominar os métodos pedagógicos, mas também equilibrar as formalidades, muitas vezes burocráticas, com o compromisso de oferecer uma educação autêntica e culturalmente relevante.

Art. 15 O currículo das escolas indígenas, ligado às concepções e práticas que definem o papel sociocultural da escola, diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços da escola, de suas atividades pedagógicas, das relações sociais tecidas no cotidiano escolar, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades.

§ 1º Os currículos da Educação Básica na Educação Escolar Indígena, em uma perspectiva intercultural, devem ser construídos a partir dos valores e interesses etnopolíticos das comunidades indígenas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definidos nos projetos político-pedagógicos.

§ 2º Componente pedagógico dinâmico, o currículo deve ser flexível, adaptado aos contextos socioculturais das comunidades indígenas em seus projetos de Educação Escolar Indígena (Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012 – *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica*).

A situação tornou-se ainda mais desafiadora devido ao contexto da pandemia, que impactou significativamente o processo educacional. O isolamento social exigiu esforços extras para reestabelecer o ritmo de aprendizado e garantir que as crianças continuassem a se envolver no processo de ensino.

A pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), além das milhões de vidas ceifadas, trouxe grandes prejuízos sociais e econômicos. Além



disso, a pandemia também causou profundo impacto no campo educacional, pois todas as instituições de ensino formal do território nacional tiveram que fechar suas portas e adotar o Ensino Remoto como forma de prevenir e diminuir o contágio pelo vírus. Com as aulas remotas e com a necessidade de os estudantes usarem internet, computadores e outros aparelhos, as desigualdades de acesso a esses recursos se tornaram cada vez mais evidentes, principalmente em escolas públicas afastadas dos grandes centros, como é o caso das escolas indígenas (Costa; Trindade; Bezerra, 2022, p. 21).

Apesar de todos os obstáculos, mantive minha determinação em oferecer uma educação de qualidade aos meus alunos. Busquei estratégias pedagógicas diferenciadas, adaptando-as às necessidades individuais de cada estudante. Alunos mais avançados ajudaram aqueles que ainda estavam aprendendo a ler e escrever, e também contei com a colaboração dos pais no processo de aprendizagem de seus filhos. Realizei aulas lúdicas, envolvendo todos com palmas, vozes e letras em cartas, seguidas pelo exercício de escrita no caderno. Com dedicação e empatia, auxiliei meus alunos no processo de alfabetização e despertei seu interesse pelo conhecimento.

Figura 2 - Crianças Kambeba – Escola Kanata T-ykua



Fonte: Brunilde Silva (2023)



Ao final de cada mês, avaliei o progresso dos alunos, registrando seus rendimentos de aprendizagem e preenchendo fichas individuais. Além disso, elaborei relatórios mensais, reunindo informações sobre o desenvolvimento de cada criança e seu envolvimento nas atividades escolares.

Minha jornada como professora tem sido desafiadora, mas repleta de gratificação. Cada dia representa uma oportunidade de aprendizado mútuo, em que meus alunos me ensinam tanto quanto eu os ensino. Observar seu crescimento, sua confiança e suas conquistas acadêmicas é uma alegria imensa.

Esses momentos como mãe, filha, professora e membro da comunidade Kambeba têm sido fundamentais para minha formação pessoal e profissional. Através dessas experiências, aprendi a valorizar minhas raízes culturais e a lutar por um futuro melhor não apenas para meus filhos, mas também para as próximas gerações.

Continuo comprometida em transmitir o conhecimento ancestral do povo Kambeba, honrando a sabedoria e tradições dos meus antepassados. Minha missão é contribuir para a educação de qualidade em minha comunidade, fortalecendo a identidade cultural e promovendo oportunidades igualitárias para todos os alunos.

Assim, esses momentos de vida têm sido uma jornada de superação, crescimento e inspiração. Através das dificuldades enfrentadas, fortaleci meu espírito e minha determinação em fazer a diferença na vida daqueles que me rodeiam. Sou grata por cada oportunidade e desafio que encontrei ao longo do caminho, pois eles moldaram a pessoa que sou hoje e me impulsionaram a construir um futuro melhor para mim, meus filhos e minha amada comunidade Kambeba.

TRAJETÓRIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA: CONTRIBUIÇÕES DA ESPECIALIZAÇÃO GESTÃO DE PROJETOS E FORMAÇÃO DOCENTE

A experiência docente desempenha um papel fundamental na formação de educadores e no desenvolvimento de práticas pedagógicas eficazes. No contexto da



Escola Indígena Kanata T-ykua em 2021 – 2023, a oportunidade de cursar uma especialização em *Gestão de Projetos e Formação Docente*, ofertada pela Universidade do Estado do Amazonas em parceria com a Secretaria de Educação Municipal de Manaus, fundamentada pelo projeto Oficinas de Formação em Serviço (OFS) cuja prática formativa se dá em serviço, representou um marco significativo em minha trajetória profissional. Essa experiência não apenas enriqueceu meu conhecimento, mas também teve um impacto profundo em meu trabalho como educadora.

Ressalte-se que o Projeto OFS se desenvolve por meio de um Curso de Especialização que rompe, radicalmente, com os modelos dos cursos *lato sensu*. Isso se dá não apenas porque ocorre nos contextos escolares, mas pela sua natureza transdisciplinar e pelo engajamento político militante. Os componentes curriculares do Curso são organizados em torno de três núcleos: epistemológico, metodológico e experiencial. Esses núcleos são constituídos por unidades curriculares que têm como conteúdos os dados construídos na *pesquisaformação* articulando-os aos estudos do currículo, culturas, cotidianos e processos metodológicos voltados para as práticas pedagógicas e para a organização do trabalho docente. Os núcleos constituem-se no tripé ensino, pesquisa e extensão (Wanzeler; Estácio; Menezes, 2021, p. 1082).

A importância da experiência docente é um tema que ressoa profundamente em minha jornada como educadora na Escola Indígena Kanata T-ykua. Essa experiência não se limita a transmitir conhecimento aos alunos, mas também é um espaço crucial para meu próprio crescimento pessoal e profissional. Durante o ano de 2022, ao embarcar em uma especialização em gestão de projetos e formação docente, percebi de forma ainda mais clara como a experiência docente pode ser enriquecedora.

A especialização em *Gestão de Projetos e Formação Docente* representou um marco significativo em minha carreira, permitindo-me adquirir novas habilidades e conhecimentos, além de aprimorar aqueles que já possuía. Aprendi a planejar e implementar estratégias educacionais mais eficazes, que atendem às necessidades individuais dos alunos de maneira mais eficiente. Isso me tornou uma educadora mais



competente, capaz de criar um ambiente de aprendizado mais estimulante e significativo para meus alunos.

Figura 3 - Professores Indígenas Kambeba – Turma da Especialização – Escola Kanata T-ykua



Fonte: Jeiviane Justiniano (2022)

No contexto de uma escola indígena, a experiência docente assume uma dimensão ainda mais profunda. Além de transmitir conhecimento acadêmico, temos a responsabilidade de aprofundar a conexão dos alunos com nossa cultura e ancestrais. Essa conexão não apenas preserva a riqueza da herança cultural da comunidade indígena, mas também fortalece a identidade dos alunos. A experiência docente, nesse sentido, é um ato de transmissão de valores, tradições e um senso de pertencimento cultural essencial para a preservação da diversidade cultural.

As escolas indígenas são diferentes das escolas não indígenas porque possuem características de ensino próprias. Essas são grandes diferenças. Os regimentos escolares também diferem em vários pontos, como: calendário escolar, carga horária, conteúdos, metodologia de ensino, etc. É diferente porque trabalha respeitando as maneiras tradicionais dos velhos passarem os conhecimentos para os jovens. É diferente porque o professor é o principal autor de seus próprios materiais didáticos usados na escola e usa tanto o conhecimento na escrita quanto o conhecimento oral. A aproximação com a escola não indígena é pelo caráter de ensino que fazem em busca dos seus conhecimentos sociais e da cidadania (Professor Joaquim Maná Kaxinawá, T.I. Praia do Carapanã. In: Grupioni, 2001, p. 35).



Entretanto, a jornada docente nem sempre é desprovida de desafios. Como mencionado anteriormente, o envolvimento da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) trouxe requisitos e diretrizes que, por vezes, não se alinhavam com nossa abordagem pedagógica única. Isso nos colocou diante de um dilema: como equilibrar as expectativas da SEMED com a necessidade de manter a integridade e autenticidade de nossa abordagem educacional.

Nesse cenário, o papel do gestor Raimundo Cruz e da comunidade escolar tornou-se crucial. A colaboração entre educadores, gestores e a comunidade permitiu que buscássemos soluções que concilhassem as exigências externas com as necessidades específicas de nossa escola. Trabalhando juntos, conseguimos encontrar maneiras de adaptar os planos de aula e o diário de classe para refletir nossa cultura e métodos de ensino sem comprometer a qualidade da educação. Essa abordagem colaborativa ressalta a importância de uma parceria sólida entre todas as partes envolvidas na educação.

Art. 3º Constituem objetivos da Educação Escolar Indígena proporcionar aos indígenas, suas comunidades e povos:

I - a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - o acesso às informações, conhecimentos técnicos, científicos e culturais da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-indígenas.

Parágrafo único A Educação Escolar Indígena deve se constituir num espaço de construção de relações interétnicas orientadas para a manutenção da pluralidade cultural, pelo reconhecimento de diferentes concepções pedagógicas e pela afirmação dos povos indígenas como sujeitos de direitos (Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012 – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica).

Em resumo, minha experiência docente em 2022 na Escola Indígena Kanata Tykua e a especialização em *Gestão de Projetos e Formação Docente* foram momentos decisivos em minha trajetória. Eles enfatizaram a importância de valorizar oportunidades de formação e especialização, ao mesmo tempo em que mantemos um compromisso firme com a preservação de nossa cultura e abordagem pedagógica diferenciada. A colaboração entre educadores, gestores e comunidade continua sendo



o alicerce de nosso sucesso, permitindo que busquemos soluções que beneficiem nossos alunos e fortaleçam nossa identidade cultural indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mulher, mãe e professora kambeba que busca valorizar a cultura e a língua kambeba, finalizo este memorial agradecendo à minha família e à minha comunidade pela confiança em meu trabalho.

Pretendo continuar essa linda missão de seguir o caminho da docência no contexto da Educação Escolar Indígena Kambeba.

Encerro esta escrita com duas imagens que representam o meu fazer pedagógico e a minha identidade Kambeba:

Figura 4 - Turma Multisseriada - 1º ao 3º Ano – Aula no Rio – Comunidade Três Unidos/AM



Fonte: Brunilde Silva (2023)



Figura 5 - Professora Brunilde e sua turma – Educação Escolar Indígena Kambeba



Fonte: Brunilde Silva (2023)

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica**. Brasília: Diário Oficial da União, 2012. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pet/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/18692-educacao-indigena>>. Acesso em: 04 de fev. 2023.

COSTA, Darlete Menezes; SILVA TRINDADE, Josiney; SOUZA, Luiz Carlos. Educação escolar indígena e pandemia da covid-19: Percepções de uma professora da 'terra indígena arara da volta grande do xingu'. **Pedagógica: Revista do programa de Pós-graduação em Educação – PPGE**, n. 24, p. 2, 2022. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8768249>>. Acesso em: 20 de set. 2023.

WANZELER, Eglê Betânia Portela; ESTÁCIO, Marcos André Ferreira; MENEZES, Maria Quitéria Afonso. Universidadeescola e a Descolonização do Currículo de Formação de Professores e Professoras: complexidade, transdisciplinaridade e decolonialidade. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 3, p. 1071-1090, 2021. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss3articles/wanzeler-estacio-menezes.p>. Acesso em 10 jan. 2022.



GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). **As leis e a educação escolar indígena:** Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Legislacao%20miolo.pdf>> Acesso em: 10 set. 2023.